



**Ministério da Educação
Instituto Benjamin Constant
Departamento de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão
Divisão de Pós-Graduação e Pesquisa
Coordenação de Cursos de Pós-Graduação**

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU

ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS DE ENSINO COM ÊNFASE NA DEFICIÊNCIA VISUAL

PROJETO PEDAGÓGICO DE CURSO

ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIAS DE ENSINO (COM ÊNFASE NA DEFICIÊNCIA VISUAL)

1. IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

1.1. Nome do curso

Especialização em Metodologias de Ensino com Ênfase na Deficiência Visual.

1.2. Áreas do conhecimento no CNPq

Área: 7.08.00.00-6 Educação

Subárea: 7.08.04.00-1 Ensino-Aprendizagem

Especialidade 7.08.04.02-8 Métodos e técnicas de ensino

2. JUSTIFICATIVA

2.1. Metodologia de avaliação da área

Participação e inclusão na sociedade, igualdade de oportunidades e equidade são temas que vêm sendo discutidos de forma acentuada nas últimas três décadas, relacionados aos direitos humanos e à aspectos da cultura, política, trabalho, educação e da valorização da diversidade humana. O Brasil tem avançado na promoção de alguns direitos das pessoas com deficiência, por meio de políticas públicas e leis que buscam valorizar a pessoa como cidadã, respeitando suas características, potencialidades e especificidades.

No que se refere ao campo do ensino, essa temática vem influenciando em algumas discussões e novos olhares sobre as práticas pedagógicas, perpassando cada vez mais a ideia de que a organização das mesmas precisa ser repensada como oportunidade para se recriar oportunidades e relações cotidianas mais equânimes entre pessoas e grupos sociais. Esse novo olhar gera a

necessidade de mudanças em relação às políticas educacionais, metodologias e recursos didáticos, sobretudo quando relacionados às pessoas com algum tipo de deficiência, como a visual.

Nesse contexto, acredita-se, o curso aqui proposto torna-se relevante, no sentido de que pode promover o desenvolvimento de processos e recursos didáticos e metodológicos que proporcionem à pessoa cega ou com baixa visão um ganho considerável em relação ao seu desenvolvimento cognitivo e a sua autonomia intelectual, podendo ampliar de forma significativa seus conhecimentos e fornecendo elementos que venham contribuir para a formação de um leitor consciente da organização social, política e cultural do seu espaço-tempo, reconhecedor de seus estágios e organização históricos.

2.2. Avaliação de demanda

Desde aproximadamente a década de 1990 os avanços conceituais e legislativos no sentido da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares, fazem emergir discussões sobre as mudanças requeridas na formação de docentes para o atendimento dessa nova demanda. As atuais condições da educação brasileira ainda não permitem incluir crianças e jovens com necessidades educativas especiais no ensino regular sem uma formação especializada que ofereça aos professores dessas classes uma sólida orientação teórico-metodológica. Para tanto, o quesito indispensável para a amenização desse quadro é, assim se pensa, além de uma melhor orientação orçamentária, a formação especializada e contínua dos docentes.

A formação de professores é um aspecto que merece ênfase quando se aborda a temática da inclusão. Muitos dos futuros professores sentem-se inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades especiais na sala de aula. Há uma informação geral de estudantes de pedagogia e licenciaturas: “não fui preparado para lidar com crianças com deficiência”.

A formação docente especializada e a busca da qualidade do ensino para crianças e jovens com necessidades educativas especiais envolvem, pelo menos, dois tipos de formação profissional: a primeira é a dos professores do ensino regular, através das licenciaturas, que conte com o conhecimento mínimo exigido, uma vez que há a possibilidade de lidarem com alunos

com necessidades educativas especiais; a segunda é a de professores-pesquisadores e especialistas nas variadas necessidades educativas especiais, dentre elas a visual, que possam avançar nas pesquisas científicas e atender diretamente os discentes com tais necessidades e/ou para auxiliar o professor do ensino regular em sala de aula.

A responsabilidade da Educação Profissional e Tecnológica em ofertar cursos de pós-graduação está fixada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Art. 39) e na Lei n.º 11.892 de 2008 (Art. 7º, inciso VI, alínea d), ao estabelecer, entre os objetivos dos Institutos do Governo Federal, “ministrar em nível de educação superior cursos de pós-graduação Lato Sensu, visando à formação de especialistas nas diversas áreas do conhecimento”.

O Curso de Especialização em Metodologias de Ensino com ênfase na deficiência visual, do Instituto Benjamin Constant (IBC), em conformidade com os parâmetros legais e amparado no seu papel como instituição pública de ensino, pesquisa e extensão, atuante no campo da deficiência visual, ampliaria assim a formação continuada dos professores, cumprindo e reforçando as orientações e os objetivos previstos no Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Federal nº 13.146, de 6 de julho de 2015), contribuindo na especialização de quadros docentes mais aptos a desenvolverem pesquisas e novos conhecimentos e lidarem com as necessidades especiais dos estudantes cegos ou com baixa visão em sala de aula.

3. HISTÓRICO DO IBC

A instituição, com o nome de Imperial Instituto dos Meninos Cegos, foi criada pelo Imperador D. Pedro II, através do Decreto Imperial nº 1.428, de 12 de setembro de 1854. Foi inaugurada, solenemente, no dia 17 de setembro do mesmo ano, na presença do Imperador, da Imperatriz e de todo o Ministério.

O Instituto Benjamin Constant nasceu na verdade do sonho de um adolescente chamado José Álvares de Azevedo que, em 1850, decidiu iniciar uma verdadeira cruzada no Brasil em prol das pessoas fadadas à exclusão social pelo fato de não enxergarem. Depois de estudar seis anos em Paris, José Álvares voltou ao Brasil determinado a difundir o Braille e a lutar pela

criação de uma escola nos mesmos moldes daquela em que ele havia estudado na França. Após conseguir uma audiência com o Imperador Pedro II, o qual ficou muito impressionado com a demonstração do Sistema Braille, Álvares de Azevedo apresentou a proposta de se criar no Brasil uma escola semelhante à de Paris.

Da autorização de criação à inauguração da escola passaram-se apenas quatro anos. No dia 17 de setembro de 1854 seria inaugurada, na Rua do Lazareto, nº 3, no bairro da Gamboa, Rio de Janeiro, a instituição pioneira na educação especial da América Latina: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos. O ato da inauguração aconteceu, contudo, sem a presença justamente daquele que conseguiu transformar em realidade o seu sonho e a vida de tantos brasileiros. Seis meses antes, Álvares de Azevedo havia morrido, vítima de tuberculose, aos 20 anos de idade.

Dez anos depois, o Instituto foi transferido para o número 17 da Praça da Aclamação, o atual Campo de Santana. Com o advento da República, a escola passou a se chamar Instituto dos Meninos Cegos e, pouco tempo depois, Instituto Nacional dos Cegos.

O aumento do número de alunos, vindos de todos os estados brasileiros, exigiu novas instalações. Para atender à demanda crescente, foi idealizada e construída a sede atual, no Bairro da Urca. A mudança definitiva para o majestoso prédio de estilo neoclássico localizado na antiga Praia da Saudade, hoje Praia Vermelha, aconteceu no dia 26 de fevereiro de 1891, poucos meses antes do decreto que mudou novamente o nome da instituição para Instituto Benjamin Constant, que permanece até hoje.

Atualmente, o Instituto Benjamin Constant é mais do que uma escola que atende crianças e adolescentes cegos, surdo-cegos, com baixa visão e deficiência múltipla; é também um centro de referência, a nível nacional, para questões da deficiência visual, capacitando profissionais e assessorando instituições públicas e privadas nessa área, além de reabilitar pessoas que perderam ou estão em processo de perda da visão.

Ao longo dos anos, o IBC tornou-se também um centro de pesquisas médicas no campo da Oftalmologia, possuindo um dos programas de residência médica mais respeitados do País. Através desse programa, presta serviços de atendimento médico à população, realizando consultas, exames e cirurgias oftalmológicas.

Com um corpo docente altamente qualificado e diversificado, o Instituto é comprometido também com a produção e difusão da pesquisa acadêmica no campo da Educação Especial. Através da Imprensa Braille, edita e imprime livros e revistas em Braille, além de contar com um farto acervo eletrônico de publicações científicas.

Centro de referência nacional na área da deficiência visual, O IBC teve suas atribuições e competências ampliadas a partir de 2018, com mudanças no seu regimento oficializadas pelo MEC, através da Portaria nº 310, de 03 de abril de 2018, passando a oferecer também programas de pós-graduação *stricto* e *lato sensu*. Também a Resolução nº 1, de 6 de abril de 2018, do Conselho Nacional de Educação (CNE), em seu art. 2º, inciso IV, permite que instituições que desenvolvam pesquisas científicas ou tecnológicas de reconhecida qualidade, mediante credenciamento exclusivo pelo CNE, possam oferecer cursos de especialização.

Após as mudanças em seu regimento, a primeira ação concreta foi a criação do Departamento de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão (DPPE), como *locus* de incentivo à pesquisa, à extensão e à formação continuada na área da deficiência visual (DV) em cursos de extensão, aperfeiçoamento e pós-graduação *lato* e *stricto sensu*. Visando à disseminação do conhecimento, o DPPE organiza e edita publicações acadêmicas e técnico-científicas na área da DV, promove eventos e mantém acervo técnico-científico em sua biblioteca especializada. O departamento desenvolve também programas de estágios e voluntariado.

Cabe aqui ressaltar a importância que tem, neste momento, a criação do Curso de Especialização em Metodologias de Ensino (com Ênfase na Deficiência Visual), como parte dessa renovação e fortalecimento do papel do Instituto Benjamin Constant junto à sociedade, oferecendo formação de nível superior, tanto para as pessoas que têm ou possam vir a ter deficiências visuais como também capacitando profissionais preocupados com o processo de inclusão pela educação formal.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo Geral

O curso tem como objetivo geral proporcionar ao pós-graduando conhecimentos que o auxiliem no desenvolvimento de novos procedimentos metodológicos para o processo ensino-aprendizagem, notadamente daqueles que atendam as necessidades educacionais específicas de alunos cegos ou com baixa visão.

4.2. Objetivos Específicos

- Promover a especialização dos professores que atuam nas redes pública e privada.
- Proporcionar um espaço de reflexão sobre as características e condições biológicas de estudantes cegos ou com baixa visão e suas possíveis implicações didático-pedagógicas.
- Habilitar os professores, através dos conhecimentos adquiridos no curso, a aprofundarem e desenvolverem abordagens teórico-metodológicas e recursos didáticos para a atuação na educação de alunos cegos ou com baixa visão.
- Incentivar a produção científica por meio de pesquisas no campo do ensino e da educação especial, nomeadamente as relacionadas com a deficiência visual.
- Proporcionar aos profissionais da área de ensino instrumentos que favoreçam a concretização dos objetivos propostos nos programas escolares, cumprindo assim seus respectivos papéis como agentes de mudanças sociais.

5. INFORMAÇÕES DO CURSO

5.1. Concepção do curso

A concepção do programa anuncia-se e faz-se evidente desde já no nome que se atribui ao curso, a saber, Especialização em Metodologias de Ensino com Ênfase na Deficiência Visual. Isto se dá, primeiro, com a menção ao Ensino, indicativa de um curso cujo propósito é atuar, primordialmente, no âmbito da formação continuada de professores. Nesse sentido, e em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para a formação inicial e continuada em vigor, o curso pretende ser um espaço propício para os profissionais interessados em desenvolver uma melhor compreensão da prática docente – suas e de outros –

frente aos desafios que a realidade contemporânea lhes impõem, no que se refere especificamente ao ensino voltado para deficientes visuais.

Para tanto, imagina-se uma pós-graduação que privilegia a investigação integrada aos fazeres da escola, que, para além da pesquisa tradicional e de cunho acadêmico, confere valor substantivo à vivência e ao aprendizado do professor. Logo, trata-se aqui, de cultivar a formação de pós-graduandos aptos a analisar e interpretar a experiência docente e habilitados a produzirem conhecimento teórico, metodológico e pedagógico, em conexão com tal experiência e suas respectivas análise e interpretação. Se é certo que o Curso de Especialização em Metodologias de Ensino com Ênfase na Deficiência Visual propõe-se a missão de propiciar a reflexão sistemática sobre a experiência docente, é indiscutível que esse curso reivindica, também, a responsabilidade de oferecer aos pós-graduandos a oportunidade de aprofundarem seus conhecimentos numa perspectiva interdisciplinar e transversal.

Com o curso de especialização aqui proposto, abre-se um amplo espaço para a reflexão e análise de inúmeras disciplinas e metodologias presentes no mundo contemporâneo e cada vez mais exigidas no dia a dia dos professores que lidam com alunos cegos ou de baixa visão. Conforme as disciplinas destacadas na grade curricular, qualquer área do conhecimento pode ser alvo do curso, ao ser integrada com as questões teóricas, metodológicas e práticas ensejadas pelas disciplinas. De uma certa forma, o curso em questão pode ser entendido como um catalisador para a promoção de questões e práticas em diversas áreas das Humanidades, a partir das diversas possibilidades abertas para o estudo que a grade curricular pode proporcionar.

Construído por um viés interdisciplinar, o curso prima pela convergência de saberes e o entrecruzamento epistemológico – informa assim a atividade investigativa do pós-graduando, com as disciplinas contribuindo, cada qual no âmbito dos objetos de estudos, com conceitos, procedimentos, competências e habilidades que lhe são próprios, para a construção/reconstrução de conhecimentos e metodologias de ensino.

Nessa linha de compreensão do processo ensino-aprendizagem e da pesquisa, a organização do curso tenta seguir uma orientação singular, caracterizada pela interpenetração e associação das disciplinas, que se complementam entre si. No lugar dos estritos limites

disciplinares pensa-se em espaços de convívio, de diálogo, de intercâmbio e até de divergências. No lugar das disciplinas especializadas, prima-se por disciplinas que agregam conhecimentos prévios e artificialmente isolados. No lugar do professor e do pós-graduando auto-suficientes, tem-se como meta principal desenvolver um profissional capaz de reconhecer e apropriar-se das múltiplas relações conceituais que sua área de formação pode estabelecer com as outras ciências, capaz de, em última instância, partilhar o domínio do saber, de abandonar as certezas estabelecidas e aventurar-se num domínio que, como o campo do ensino para pessoas com deficiência visual nos mostra, assim como a própria ideia de inclusão, ainda tem muito a ser investigado e conhecido.

5.2. Coordenação do Curso e Comissão Deliberativa

A coordenação do curso será exercida por um(a) docente do Quadro Permanente do Instituto Benjamin Constant, integrante do Colegiado do Curso e eleito(a) pelos membros desse mesmo Colegiado, para um período de 2 (dois) anos de mandato, podendo ser reeleito(a), uma única vez, por igual período.

Na ausência ou impedimento do(a) coordenador(a), o Colegiado do Curso indicará um(a) docente que responderá provisoriamente pelo curso. Caso a ausência ou impedimento do(a) coordenador(a) se torne definitivo, ou este seja dispensado antes de completar os 2 (dois) anos do seu mandato, o Colegiado elegerá, no prazo de 15 (quinze) dias úteis, a contar da data do documento oficial que publicou a dispensa, um(a) novo(a) coordenador(a) para o curso.

A Comissão Deliberativa será constituída pelo(a) Coordenador(a) do Curso e mais 4 (quatro) docentes do Colegiado, indicados para um período de 2 (dois) anos de mandato, prorrogável, uma única vez, por igual período.

5.3. Local do curso

Instituto Benjamin Constant (IBC) - Av. Pasteur, 350 / 368 - Urca, Rio de Janeiro – RJ, 22290-240.

5.4. Carga-horária

375 (trezentas e setenta e cinco) horas.

5.5. Público-alvo

Professores das redes pública e privada e demais profissionais de nível superior interessados na temática do curso.

5.6. Processo seletivo e periodicidade

O processo seletivo será anual e por meio de edital público. O pré-requisito mínimo para a participação no processo seletivo é ser portador de diploma de curso superior, devidamente reconhecido pelo MEC. Todo o processo será conduzido por uma comissão de docentes do quadro permanente do IBC, devidamente estabelecida para esse fim.

O processo seletivo contemplará até 15 (quinze) vagas anuais.

O processo de seleção será composto de duas etapas:

1ª Etapa) Análise da Carta de Intenção, considerando os seguintes critérios: a) A experiência docente e/ou acadêmica; b) Trabalhos, pesquisas e projetos realizados na área de ensino; c) Atividades desenvolvidas na área da educação especial; d) Capacidade de justificar o interesse em cursar a Especialização em Metodologias de Ensino com Ênfase na Deficiência Visual, em função de sua trajetória profissional e acadêmica, e a importância do curso para sua atuação profissional; e) Clareza na definição do tema, questão central/problema, objetivos e metodologia da pesquisa a ser desenvolvida e sua pertinência com a temática do curso; f) perspectivas profissionais e acadêmicas após a conclusão do curso de especialização.

2ª Etapa) Realização de entrevista, segundo os seguintes critérios: a) Capacidade do(a) candidato(a) de discutir temas de ensino e educação inclusiva; b) Capacidade do(a) candidato(a) de discutir e esclarecer questões relativas à pesquisa que pretende desenvolver durante o curso; c) Capacidade do(a) candidato(a) de esclarecer questões relativas ao Currículo Lattes e ao Memorial.

Anualmente, após análise e parecer da Comissão Deliberativa do Curso, outros critérios poderão ser estabelecidos para o processo seletivo, sendo devidamente publicados no edital de seleção.

Em cada uma das etapas do processo seletivo o(a) candidato(a) receberá uma nota no valor de 0,0 (zero) à 10,0 (dez), que resultará da média aritmética simples das notas que lhe foram atribuídas por cada um dos membros da comissão de seleção.

A nota final do(a) candidato(a) no processo seletivo será a média aritmética simples das notas que lhe foram atribuídas em cada uma das etapas. Somente os(as) candidatos(as) que obtiverem nota final igual ou superior a 7,0 (sete) serão considerados aprovados no processo seletivo, sendo classificados em ordem decrescente das notas finais.

Critérios para desempates ou preenchimento de vagas remanescentes serão estabelecidos no edital de seleção. O edital contemplará também a reserva de cotas previstas em lei.

5.7. Condições de matrícula

Os(as) candidatos(as) aprovados(as) no processo seletivo e classificados dentro do número de vagas estabelecido pelo edital de seleção terão direito à matrícula no curso, devendo, para tanto, apresentar, no prazo estipulado, todos os documentos exigidos no edital. A confirmação da matrícula é o ato de vinculação do discente ao curso de pós-graduação.

A secretaria acadêmica do curso é responsável pela efetivação da matrícula e pela inscrição em disciplinas, de acordo com o cronograma divulgado no edital de seleção.

A não efetivação da matrícula no prazo fixado pelo cronograma do edital de seleção implica na desistência em matricular-se no curso, bem como na perda dos direitos adquiridos pela classificação no processo seletivo e na consequente convocação dos demais classificados para ocupar a vaga.

O(a) discente realizará todo o seu curso sob o regime vigente na época da matrícula, desde que não tenha sido reprovado em alguma disciplina.

O(a) discente que concluir todas as disciplinas e estiver em fase de elaboração do trabalho de pesquisa, deve renovar a matrícula, inscrevendo-se na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

5.8. Sistema de Avaliação e Certificação

5.8.1 Sistema de Avaliação

A avaliação de aproveitamento nas disciplinas será realizada de forma continuada, conforme critérios estabelecidos nos respectivos planos de curso e de ensino e divulgados aos

discentes no primeiro dia de aula da disciplina, e compreenderá avaliação de rendimento e apuração de assiduidade. O aproveitamento em cada disciplina será realizado a partir de uma ou mais avaliações, sob as formas de provas presenciais, trabalhos, seminários, dentre outras, a critério do(a) professor(a) da disciplina, definidas na metodologia do plano de ensino.

O aproveitamento do(a) discente em cada disciplina será expresso por uma nota de 0 (zero) a 10 (dez). Será atribuído grau I (Incompleto) ao discente que, por motivo de força maior, e devidamente justificada, for impedido de completar as atividades da disciplina no período regular. Será atribuído grau AC (Aproveitamento de Créditos) ao discente que tenha cursado a disciplina em outra instituição e cujo aproveitamento tenha sido aprovado pela Comissão Deliberativa do Curso.

Será considerado(a) aprovado(a) na disciplina o(a) discente que obtiver nota igual ou superior a 7,0 (sete) e frequência mínima de 75 % (setenta e cinco por cento).

Para os casos de reprovação estabelece-se o seguinte:

- a) A reprovação em 1 (uma) disciplina não impede o discente de seguir para a próxima.
- b) O discente reprovado em mais de 1 (uma) disciplina durante o curso ou reprovado mais de uma vez na mesma disciplina será desligado.
- c) Nos casos em que não houver a abertura de novas turmas, o discente reprovado em até 1 (uma) disciplina poderá solicitar uma nova avaliação de conhecimento, uma única vez.

5.8.2 Certificação

Ao(A) discente aprovado(a) em todas as disciplinas do curso e no TCC será atribuído o Certificado de Especialista em Metodologias de Ensino com Ênfase na Deficiência Visual, ficando a expedição do certificado de especialista condicionada a entrega da versão final do TCC (acompanhada do produto educacional, se for o caso) e ao que estiver disposto nas normas do DPPE/IBC.

5.9. Trabalho de Conclusão de Curso

A pesquisa é uma atividade essencial na Pós-Graduação. Essa concepção sinaliza para os processos formativos a serem materializados no âmbito do Curso de Especialização em Metodologias de Ensino (com Ênfase na Deficiência Visual), proporcionando o desenvolvimento de atitudes e habilidades investigativas necessárias ao processo de produção do conhecimento e à formação do(a) especialista.

Nessa perspectiva, a organização curricular do curso contempla o desenvolvimento de pesquisa científica como recurso metodológico que perpassa diversas atividades curriculares e que serve como instrumento de avaliação do(a) discente. Essa caminhada começa com a disciplina Teoria do Conhecimento, Metodologia Científica e Projeto de pesquisa, continua ao longo do Seminário de Pesquisa e da realização da Jornada Acadêmica no final do 2º semestre do curso e culmina com a elaboração e defesa oral do TCC. Nesse percurso o(a) discente desenvolverá uma pesquisa científica, de caráter monográfico, relacionada à temática do curso, e que apresente, obrigatoriamente, a seguinte estrutura/elementos: 1) tema; 2) questão central/problema; 3) objetivos central e específicos; 4) fundamentação teórico-conceitual; 5) metodologia proposta; 6) justificativa; e 7) referências. O desenvolvimento de produto educacional no TCC será de caráter facultativo.

A elaboração e defesa oral do TCC é condição para o(a) discente concluir o curso, sendo produzida individualmente no 3º semestre do curso, com o subsídio das discussões desenvolvidas nas disciplinas, no seminário de pesquisa, na jornada acadêmica e nos encontros e debates ao longo do curso.

A construção do TCC pressupõe um processo sistemático de acompanhamento da produção do(a) discente, constituído pelas seguintes atividades: plano de orientação com cronograma de execução, encontros de orientação, elaboração do texto do TCC e apresentação oral do trabalho.

O TCC será orientado por um(a) professor(a) do curso, que deverá ser, obrigatoriamente, do quadro permanente de docentes do IBC, podendo contar com a colaboração de outro profissional de área afim, sendo este do IBC ou de uma instituição externa, sem ônus para a Instituição. A definição do(a) professor(a) orientador(a) de cada discente ficará a cargo do

Colegiado do Curso de Especialização em Metodologias de Ensino (com Ênfase na Deficiência Visual), devendo ocorrer no final do 1º semestre do curso, e terá como critério a relação entre o tema do TCC e a área de pesquisa do(a) docente. Deverá ser buscada, sempre que possível, uma distribuição equânime do número de orientações entre os docentes do curso, respeitando sempre suas áreas de investigação e formação.

O TCC deverá ser escrito de acordo com as normas da ABNT e as demais normalizações e regulamentações internas. Após a avaliação, e atendida as correções, ajustes e proposições da banca examinadora (quando for o caso), o(a) discente deverá entregar à Biblioteca do Centro de Estudos e Pesquisas do IBC uma cópia digital (PDF) da versão final do TCC aprovado (acompanhada do produto educacional, se for o caso), a fim de compor o acervo bibliográfico do IBC.

5.10. Formação de banca examinadora e demais requisitos para certificação

O TCC será apresentado, escrito e oralmente, a uma banca examinadora composta pelo(a) orientador(a) e mais dois componentes, podendo um dos membros ser um convidado externo de reconhecida experiência acadêmico-científica na área de desenvolvimento do trabalho. Deverá ser indicado também um membro suplente, sendo este obrigatoriamente do corpo docente do IBC.

Para ser componente da banca como membro interno ou externo, o(a) examinador(a) terá que ter qualificação mínima de mestre e reconhecida competência para avaliação do trabalho em seus aspectos teórico-conceituais e metodológicos. Excepcionalmente, poderão ser aceitos para compor a banca docentes com formação em nível de especialização, desde que seja comprovada sua competência e experiência na temática do TCC a ser analisado e avaliado.

A banca analisará a apresentação escrita e oral do TCC, considerando os seguintes critérios:

- a) Clareza e relevância do tema e da questão/problema
- b) Objetivos da pesquisa
- c) Metodologia desenvolvida
- d) Estrutura e Coerência do texto científico
- e) Normatização científica
- f) Apresentação escrita e comunicação oral do trabalho

- g) Uso adequado do tempo
- h) Resultados e conclusões acerca da pesquisa realizada
- i) Referências.

Após a defesa oral do TCC, a banca examinadora avaliará o trabalho apresentado, deliberando:

a) Aprovado: quando o trabalho for considerado satisfatório, atingindo a qualidade necessária para a obtenção do título de Especialista.

b) Aprovado com restrições: quando o trabalho for considerado parcialmente satisfatório, necessitando de melhoramentos e/ou ajustes essenciais para ser considerado de qualidade para obtenção do título de Especialista.

c) Reprovado: quando o trabalho for considerado insatisfatório, ou seja, cuja qualidade não permita a obtenção do título de Especialista.

O(A) discente aprovado(a) com restrições terá até 90 (noventa) dias para apresentar uma nova versão do TCC aos membros da banca, para que seja emitida uma nova ata de defesa. Caso as modificações não sejam consideradas satisfatórias pela banca examinadora, o(a) discente será reprovado(a). O(a) discente reprovado no TCC será automaticamente desligado do Curso.

À critério da banca examinadora os TCC aprovados poderão ser indicados para publicação.

5.11. Indicadores fixados para avaliação global do curso de pós-graduação

São previstos como indicadores de desempenho do curso:

- a) Razão de evasão.
- b) Taxa de reprovação em componentes curriculares.
- c) Avaliação qualitativa periódica dos docentes e discentes quanto ao andamento do curso e sua aderência aos objetivos propostos.
- d) Avaliação qualitativa periódica dos docentes e discentes quanto ao apoio em infraestrutura e serviços administrativos do IBC.

6. INFRAESTRUTURA DO CURSO

Para a realização do Curso de Especialização em Metodologias de Ensino (com Ênfase na Deficiência Visual), faz-se necessária, inicialmente, a seguinte infraestrutura:

a) Sala de aula com capacidade mínima de 15 carteiras universitárias, mesa e cadeira para o(a) docente, quadro branco, data-show, um computador desktop, caixas de som, acesso à internet e duas bancadas para realização de trabalhos práticos.

b) Sala da Coordenação de Curso (podendo ser compartilhada), com um computador desktop, impressora, scanner, mobiliário e acesso à internet.

c) Acesso dos(as) discentes ao laboratório de informática, acompanhado do professor da disciplina, para realização de trabalhos práticos, com capacidade mínima de 15 computadores desktop, mesas, cadeiras e acesso à internet.

d) Acesso dos(as) discentes do curso à biblioteca e acervo bibliográfico do IBC;

e) Secretaria acadêmica do curso, com secretário(a), equipamentos e materiais necessários para o funcionamento, tais como: computador desktop, impressora, scanner, mobiliário (armários, arquivos, mesas, cadeiras), linha telefônica e acesso à internet.

Atribuições da secretaria acadêmica do curso:

I) Receber e organizar toda a documentação e orientar os candidatos durante os processos anuais de seleção.

II) Encaminhar ao órgão competente, devidamente visado pelo coordenador do curso, os documentos da matrícula dos alunos.

III) Manter atualizado o cadastro dos docentes e dos discentes e o controle de registro de notas.

IV) Prestar assistência técnico-administrativa aos docentes e discentes do curso, nos assuntos ligados ao mesmo.

V) Arquivar toda documentação referente ao curso.

VI) Desenvolver atividades correlatas à secretaria do curso, tais como: preparar correspondências e comunicados, manter arquivos organizados e atualizados, confeccionar expedientes administrativos relativos ao curso, além de outras atividades de interesse do curso, em cumprimento à legislação e demais normas do

mesmo.

7. CORPO DOCENTE

7.1. Requisitos para participar do corpo docente do curso:

a) Qualificação mínima de mestre, obtida em Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu reconhecido pela CAPES/MEC.

b) Reconhecida experiência acadêmico-científica na área/disciplina em que irá atuar, comprovada após análise curricular e parecer da Comissão Deliberativa.

Excepcionalmente, poderão ser aceitos docentes com formação em nível de especialização, desde que seja comprovada sua experiência na área/disciplina que irá ministrar, e que o quantitativo total desses professores não ultrapasse 20% (vinte por cento) do corpo docente do curso. De qualquer forma, a participação de docentes com formação em nível de especialização nas atividades do curso dependerá de análise e parecer da Comissão Deliberativa.

Eventualmente, e após análise e decisão da Comissão Deliberativa, docentes externos poderão ser convidados para atuarem do curso, desde que sejam respeitados os requisitos de titulação mínima e formação e experiência acadêmico-científica na área/disciplina/atividade prevista .

Os docentes do curso que num semestre letivo estiverem ministrando disciplina e/ou desenvolvendo orientação acadêmica no mesmo, deverão dedicar, no mínimo, 10 (dez) horas-aulas semanais para essas atividades.

Além das atribuições constantes do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação do IBC, cabe também aos docentes do curso objeto deste PPC:

a) Responsabilizar-se pelo cumprimento do cronograma de execução de sua disciplina e pela elaboração e entrega do respectivo plano de ensino.

b) Propor alterações nos planos de ensino de suas disciplinas, quando necessárias.

c) Encaminhar à secretaria acadêmica do curso as atas de defesa dos trabalhos de conclusão de curso.

d) Emitir parecer sobre os pedidos de aproveitamento de disciplinas realizadas em programas de pós-graduação de outras instituições, ou do próprio IBC, mediante análise dos documentos apresentados pelos requerentes.

- e) Coordenar todas as atividades didáticas e administrativas inerentes à sua disciplina.
- f) Organizar com os discentes a realização de provas e trabalhos presenciais em segunda chamada, quando for necessário.
- g) Deliberar sobre os assuntos de sua competência que por ventura não tenham sido previstos neste PPC.

7.2. Corpo Docente do Curso

Nome	Formação	Link do Currículo Lattes
Aires da Conceição Silva	Doutor em Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro	http://lattes.cnpq.br/1242439730705298
André Luiz Bezerra da Silva	Doutor em Geografia Humana pela Universidade do Porto	http://lattes.cnpq.br/9955233892228120
Angélica Ferreira Bêta Monteiro	Doutora em Ensino de Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz	http://lattes.cnpq.br/8368568869437452
Bruno Mendes Mesquita	Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense	http://lattes.cnpq.br/3031743045810210
Fernando da Costa Ferreira	Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro	http://lattes.cnpq.br/2057037430071340
Karine Vieira Pereira	Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro	http://lattes.cnpq.br/1469224180144286
Luciana Maria Santos de Arruda	Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense	http://lattes.cnpq.br/2877514009092914
Márcia de Oliveira Gomes	Doutora em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro	http://lattes.cnpq.br/6404017817382636
Mariana de Oliveira Martins Domingues	Mestra em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense	http://lattes.cnpq.br/9236255194079431
Mariana Lopes da Silva	Mestra em Novas Tecnologias Digitais na Educação pelo Centro Universitário Carioca	http://lattes.cnpq.br/6217053653671462

Naiara Miranda Rust	Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro	http://lattes.cnpq.br/0952708163501047
Patrícia Ignácio da Rosa	Mestra em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense	http://lattes.cnpq.br/1802195465350740
Robson Lopes de Freitas Junior	Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro	http://lattes.cnpq.br/6830872380515826
Thiago Ribeiro Duarte	Mestre em Diversidade e Inclusão pela Universidade Federal Fluminense	http://lattes.cnpq.br/1282537641071261

8. MATRIZ CURRICULAR

8.1. Itinerário de formação

A estrutura curricular do curso apresenta 9 (nove) disciplinas obrigatórias, organizadas da seguinte forma: 3 (três) disciplinas com 60 horas-aula cada; 1 (uma) disciplina com 45 horas-aula; e 5 (cinco) disciplinas com 30 horas-aula cada. As disciplinas do curso serão distribuídas em 3 (três) semestres, somando 18 (dezoito) meses e 375 (trezentas e setenta e cinco) horas de curso.

Durante o 2º semestre do curso os(as) discentes realizarão obrigatoriamente a disciplina Seminário de Pesquisa, com o objetivo principal de aprofundar o seu tema de pesquisa, estruturar seu projeto, elucidar e definir as questões conceituais e teórico-metodológicas que serão abordadas no TCC. O Seminário de Pesquisa será presencial e regido pelo(a) professor(a) orientador(a) de cada discente, em dia e horário pré-combinados. O seminário será desenvolvido, a critério do(a) orientador(a), por meio de aulas expositivo/dialogadas, exposição de projetos, estudo de textos indicados, discussões e acompanhamento direto na elaboração do projeto de pesquisa.

A avaliação do Seminário de Pesquisa realizar-se-á durante todo o processo de ensino/aprendizagem, com ênfase na frequência, participação e desempenho, de modo que o discente possa rever e complementar os rumos de sua proposta de pesquisa. Os(as) professores(as) orientadores indicarão ajustes e possibilidades de melhoria no projeto de pesquisa, ajudando

os(as) discentes na definição dos caminhos a serem adotados. Ao final do 2º semestre, como culminância do Seminário de Pesquisa, será realizada a jornada acadêmica, onde os(as) discentes apresentarão o desenvolvimento (parcial) das suas pesquisas.

Estrutura Curricular do Curso

1º Semestre		
Nome da disciplina	Carga horária	Responsável
Aspectos biopsicossociais da deficiência visual	30h	Profª Drª Naiara Rust
Técnicas de Escrita e Leitura no Sistema Braille	45h	Prof. Ms. Thiago Duarte
Teoria do Conhecimento, Metodologia Científica e Projeto de Pesquisa	30h	Prof. Dr. André Luiz
Recursos Acessíveis I (Audiodescrição; Adaptação de materiais; e produção de material especializado)	60h	Prof. Dr. Aires Silva Prof. Dr. Fernando Ferreira Profª. Drª. Márcia Gomes
2º Semestre		
Teorias da Aprendizagem	30h	Prof.ª Drª Angélica Bêta Prof.ª Ms. Mariana Domingues
Aspectos do ensino de leitura e escrita para estudantes com deficiência visual	30h	Profª. Drª. Karine Vieira Profª. Drª. Márcia Gomes
Recursos Acessíveis II (Materiais grafo táteis; tecnologias digitais acessíveis; e livro tátil)	60h	Profª Drª. Luciana Arruda Profª Ms. Mariana Lopes Prof. Dr. Robson Lopes
Seminário de Pesquisa	30h	Professor(a) orientador(a)
3º Semestre		
Elaboração e defesa oral do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	60h	Professor(a) orientador(a)

8.2 Disciplinas, carga-horária, ementas, conteúdo programático, objetivos e bibliografia

8.2.1 Aspectos Biopsicossociais da Deficiência Visual

Docente: Prof^ª Dr^ª Naiara Miranda Rust

Carga Horária: 30 horas

Ementa:

Concepção sobre deficiência. Definição da Deficiência visual - conceituação e classificação. Noções gerais sobre o funcionamento visual, principais patologias e seus reflexos no desenvolvimento e na escolaridade. Aspectos biopsicossociais e a importância da integração dos sentidos remanescentes. Teoria da Compensação. Enfoque pedagógico e inclusão escolar.

Conteúdo Programático:

- Explorar o conceito e terminologias relacionadas a deficiência dialogando com o modelo médico e social da deficiência visual.
- Abordar a definição de deficiência visual em seus aspectos legais, clínicos e educacionais.
- Discutir sobre a classificação da DV e seus impactos no desenvolvimento do indivíduo.
- Apresentar o sistema visual, as ametropias e as principais patologias que levam aos danos visuais e como podem afetar no desenvolvimento e na escolaridade.
- Abordar os aspectos do desenvolvimento infantil, focando na educação precoce e no desenvolvimento da visão funcional.
- Relacionar a importância da integração dos sentidos com a teoria da compensação.
- Apresentar e discutir o Index para a inclusão: trabalhando culturas, políticas e práticas.
- Discutir os recursos pedagógicos para pessoas com deficiência visual na perspectiva do desenho universal da aprendizagem.

Objetivo:

Conhecer os principais aspectos biopsicossociais do aluno com deficiência visual e suas possíveis implicações no desenvolvimento de metodologias de ensino.

Referências Bibliográficas:

Bibliografia básica:

ALMEIDA, T.S.; SAMPAIO, F.V. Diferenças Experienciais entre pessoas com cegueira congênita e adquirida: uma breve apreciação. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia*, Ano 1, v. 1, n. 3, jun, 2013.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. Index para a inclusão desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas. Traduzido para o português brasileiro por Mônica Pereira dos Santos e João Batista Esteves (LaPEADE) 3ª Edição. 2011

BRUNO, MMG. O desenvolvimento da criança com deficiência visual: da intervenção precoce à inclusão na educação infantil. Laramara. 3ª edição, São Paulo. 2022.

COUTO-JUNIOR, A.; OLIVEIRA, L. A. G. As principais causas de cegueira e baixa visão em escola para deficientes visuais. *Rev Bras Oftalmol.* 2016; 75 (1): 26-9. 2015.

DAINEZ, Débora; SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. O conceito de compensação no diálogo de Vygotski com Adler: desenvolvimento humano, educação e deficiência. *Educ. Pesqui.*, São Paulo , v. 40, n. 4, p. 1093-1108, Dec. 2014.

DINIZ, D. O que é deficiência. Editora Brasiliense. São Paulo, 2012.

DINIZ, D; BARBOSA, L; SANTOS, W. Deficiência, Direitos Humanos e Justiça. In: DINIZ, D; SANTOS, W (Orgs). *Deficiência e Discriminação*. Brasília: Letras Livres - EdUnB, 2009.

HADDAD, Maria Aparecida O. [et al]. Deficiência Visual: medidas, terminologia e definições. *e-Oftalmol. CBO: Rev. Dig. Oftalmol.* vol. 1, n. 2, p. 1-7, 2015

SASSAKI, R.K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*. São Paulo, nº 5., p. 6-9 24 jan./fev. 2002.

VIANNA, P.M.M; RODRIGUES, M.R.C, Caracterização da Deficiência Visual. (in) *Psicologia do desenvolvimento e da linguagem do Deficiente Visual*. UNIRIO, Rio de Janeiro. 2008.

ZERBATO, AP; MENDES, E.G. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. *Educação Unisinos* 22(2):147-155, abril-junho 2018.

Bibliografia complementar:

BARBOSA, IMR; GAGLIARDO, HGRG; BRUNO, MMG; GASPARETTO, MERF. Avaliação da visão funcional em crianças com deficiência visual e múltipla deficiência como estratégia de apoio para professores e responsáveis. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 61, p. 387-404. Santa Maria 2018.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 186 que *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. 2008

BRASIL. Decreto nº 5296 de 02 de dezembro de 2004 - DOU de 03/12/2004.<www.planalto.gov.br/ccivil/ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>

RODRIGUES, Maria Rita Campello, CAMACHO, Gabrielle de O. BERNARDO, Luciana T. OLIVEIRA, Márcia de L. C. de. GONÇALVES, Patrícia S. de P. Estimulação precoce na Temática da Deficiência Visual. Editora Benjamin Constant. 2022.

ROSSI, LDF; VASCONCELOS, GC; SALIBA GR; BRANDÃO, AO, AMORIM, RHC. Avaliação da Visão Funcional em Crianças: Revisão da Literatura. *Oftalmologia* - Vol. 37: pp.1-9. 2013.

8.2.2 Técnicas de Escrita e Leitura no Sistema Braille

Docente: Prof. Ms. Thiago Duarte

Carga Horária: 45 horas

Ementa:

Histórico da educação das pessoas com deficiência visual. Surgimento do Sistema Braille e sua disseminação pelo mundo. Chegada do Braille ao Brasil. Criação do Instituto Benjamin Constant. Breve histórico da produção Braille no Brasil. Reconhecimento de sinais simples e compostos. Leitura e Escrita Braille.

Conteúdo Programático:

- História do Braille
- Instrumentos utilizados para a escrita do Braille
- Entendendo o conceito dos 6 pontos
- Introdução à Ordem Braille
- Formando letras com materiais concretos
- Apresentando a reglete e o punção
- Escrevendo as primeiras letras na reglete
- Letras acentuadas

- Pontuação e símbolos matemáticos
- Trabalhando com números
- Digitando Braille nas mãos
- Exercícios de leitura braille
- Transcrição de textos em Braille

Objetivos:

- Estruturar e reconhecer caracteres, pontuações, sinais acessórios e outras características do Braille em textos apresentados;
- Elaborar textos no Sistema Braille, em perfeita conformidade com a Grafia Braille para a Língua Portuguesa;
- Ler textos complexos com precisão e acurácia observados os sinais Braille específicos.

Referências:

BORGES, José Antonio dos Santos. Do Braille ao DOSVOX – diferenças nas vidas dos cegos brasileiros – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009. XVI, 327 p.: il.; 29,7 cm. Orientadores: Ivan da Costa Marques, Luís Alfredo Vidal de Carvalho. Tese (doutorado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Sistemas e Computação, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Grafia Braille para a Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Especial – Brasília: MEC; SEESP, 2002.

LEMOS, E. R.; CERQUEIRA, J. B.. O Sistema Braille no Brasil. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, n. 2, p.13-17, jan./abr. 1996 Disponível em:

http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Nossos_Meios_RBC_RevJan1996_Artigo2.doc. Acesso em: 13 set. 2018.

_____. José Álvares de Azevedo: Patrono da Educação dos Cegos no Brasil (1834-1854). Disponível em: http://intervox.nce.ufrj.br/~amac/Jose_Alvares_de_Azevedo.doc. Acesso em: 13 set. 2018.

ORRICO, H. F.; CANEJO, E. ; FOGLI, B. Uma reflexão sobre o cotidiano escolar de alunos com deficiência visual em classes regulares. In: GLAT, Rosana (org.). Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007, v. 1, p. 1-210.

8.2.3 Teoria do Conhecimento, Metodologia Científica e Projeto de Pesquisa

Docente: Prof. Dr. André Luiz

Carga Horária: 30 horas

Ementa:

O conhecimento e sua produção. As formas de conhecer. A ciência moderna. A complexidade da realidade social. A metodologia científica. A pesquisa científica. O texto científico. Normatização científica. Estrutura do projeto de pesquisa.

Conteúdo programático:

- O conhecimento e as formas possíveis de se conhecer algo
- Tipos de conhecimento
- Surgimento e evolução da ciência moderna
- O método científico
- A pesquisa científica
- Estruturação do projeto de pesquisa
- Organização e elaboração do texto científico

Objetivos:

Geral: Orientar e estimular o desenvolvimento de um comportamento científico na busca do conhecimento, que permita ao pós-graduando planejar e desenvolver projetos de pesquisa.

Específicos:

- Buscar uma permanente reflexão do que seja inclusão;
- Compreender o que seja conhecer e as diferentes formas de se produzir o conhecimento;
- Identificar a diferença entre conhecimento científico e senso-comum;
- Conhecer a evolução da ciência moderna;
- Compreender o que é pesquisa;
- Conhecer a diferença entre tema, conceito, categoria e teoria na pesquisa científica;
- Conhecer a estrutura e normatização de um projeto científico;
- Elaborar um projeto de pesquisa.

Referências:

HUHNE, Leda Miranda (org.). Metodologia Científica: cadernos de textos e técnicas. 4ª ed. Rio

de Janeiro: Agir, 1990.

PARRA FILHO, D; SANTOS, J. A. Metodologia Científica. 6ª ed. São Paulo: Futura, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAUEN, F. J. Elementos de iniciação à pesquisa. Rio do Sul: Nova Era, 1999.

ROVER, Ardinete (org.). Metodologia científica: educação a distância. Joaçaba : UNOESC, 2006

8.2.4 Recursos Acessíveis I (Audiodescrição; Adaptação de Materiais; e Produção de Material Especializado)

8.2.4.1 Audiodescrição

Docente: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Gomes

Carga Horária: 20 horas

Ementa:

Introdução à audiodescrição. Técnicas de audiodescrição. Audiodescrição no contexto escolar.

Conteúdo Programático:

- Introdução à audiodescrição: conceito, histórico e políticas públicas de acessibilidade.
- Técnicas de audiodescrição, linguagem, contexto, interpretação, adequação.
- Audiodescrição de imagens estáticas.
- Audiodescrição de imagens dinâmicas.
- Audiodescrição no contexto escolar.

Objetivos:

- Proporcionar conhecimento sobre a audiodescrição, seus princípios e técnicas.
- Promover reflexões sobre os procedimentos tradutórios, de acordo com o objetivo, contexto e público-alvo da audiodescrição.

Referências Bibliográficas:

ADERALDO, Marisa Ferreira et al. (orgs.). Pesquisas teóricas e aplicadas em audiodescrição. Natal: Editora da UFRN, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 16452. A Acessibilidade na comunicação — Audiodescrição. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.

CARPES, Daiana Stockey (org.). Audiodescrição: práticas e reflexões. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2016.

GOMES, Marcia de Oliveira. Como fazer sentido(s): uma análise da audiodescrição da adaptação fílmica de “Entrevista”, de Rubem Fonseca. In: Benjamin Constant, v. 2 n. 60, 2019.

GOMES, Marcia de Oliveira. Fazer sem ti não faz sentir: a audiodescrição na poesia visual. In: BRAGA, Luiz Paulo da Silva (org.). Ciência em foco: o centro de estudos e pesquisas do Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2021.

PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2010.

VERGARA-NUNES, Elton Audiodescrição didática. Tese (Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2016, 412p.

8.2.4.2 Adaptação de Materiais

Docente: Prof. Dr. Fernando Ferreira

Carga Horária: 20 horas

Ementa:

Histórico da produção dos livros em braille; etapas da produção dos livros adaptados; critérios essenciais para a elaboração de notas de transcrição; uso de Braille Fácil como ferramenta auxiliar; Adaptação de imagens, mapas, gráficos e tabelas.

Conteúdo Programático:

Histórico da produção dos livros em braille;
Etapas da produção dos livros adaptados;
Critérios essenciais (gerais e específicos) para a elaboração de notas de transcrição;
Utilização de Braille Fácil como ferramenta auxiliar;
Adaptação de imagens;
Adaptação de mapas;
Adaptação de gráficos;

Adaptação de tabelas.

Objetivos:

- Apresentar diferentes estratégias que possibilitem ao professor-adaptador facilitar a compreensão, pelas pessoas cegas, de materiais originalmente concebidos e produzidos para pessoas videntes.
- Reduzir ao máximo, a perda das pessoas cegas, relacionada à compreensão e interpretação desses materiais.
- Reforçar a importância do Sistema Braille no processo de leitura e escrita da pessoa cega.

Referências Bibliográficas:

BISPO, Bruna (et al.). Manual de Adaptação de Textos para o Sistema Braille. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2019. 72p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Normas Técnicas para a Produção de Textos em Braille / elaboração: DOS SANTOS, Fernanda Christina; OLIVEIRA, Regina Fátima Caldeira de – Brasília-DF, 2018, 3ª edição. 120p.

SALES, Carla Monteiro. Cartografia, arte e visões de mundo na reprodução do “mapa invertido da América do Sul”. Revista Espaço e Cultura, n. 39, p. 157-174, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/31756/22483>. Acesso em: 02 mar. 2023.

SANTOS; Allan (et al.). O processo de adaptação de livros didáticos e paradidáticos na inclusão de alunos cegos em escolas especiais e inclusivas. In: Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 20, Edição Especial, p. 29-47, 2014.

SOUSA, Joana Belarmino de. As novas tecnologias e a “desbrailização”: mito ou realidade. In: 2º Seminário Nacional de Bibliotecas Braille, 2001, Rio de Janeiro. Palestra. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

8.2.4.3 Produção de Material Especializado

Docente: Prof. Dr. Aires Silva

Carga Horária: 20 horas

Ementa:

- Conceituação e função dos recursos de Tecnologia Assistiva;

- Descrição do processo de texturização;
- Produção e edição de material em áudio;
- Produção de material ampliado adaptado para alunos com baixa visão e visão monocular;
- O processo de termoformagem e sua importância;
- Produção de material grafotátil para alunos cegos.

Conteúdo Programático:

- Tecnologia Assistiva: conceitos, recursos e serviços;
- Produção de material didático adaptado para alunos com deficiência visual.
- Materiais didáticos para alunos com baixa visão e visão monocular.
- Materiais didáticos para alunos cegos.
- Produção e edição de material em áudio. Audacity.

Objetivos:

Fornecer aos alunos conhecimentos e técnicas para produzir material didático adaptado para alunos com deficiência visual em diversos formatos.

Referências Bibliográficas:

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na Educação Especial. Revista Benjamin Constant, Rio de Janeiro, nº 5, p.15-20, 1996.

SILVA, A. C.; SANTOS, L. S.; PENCO, V. S. N.; ESTEVAO, A. P. S. S. Química ao alcance das mãos: produção de uma estação de tratamento de água bidimensional tátil para alunos com deficiência visual. In: Eduardo Gomes Onofre; Margareth Maria de Melo; Sandra Meza Fernandez. (Org.). E-book: Construindo diálogos na educação inclusiva: acessibilidade, diversidade e direitos humanos. 1ed.Campina Grande: Realize Editora, 2020, v. 1, p. 1256-1275.

SILVA, A. C.; CID, T. P.; ROCHA, A. C. S.; PENCO, V. S. N.; ESTEVAO, A. P. S. S. RECURSO DIDÁTICO ACESSÍVEL SOBRE PROCESSOS DE SEPARAÇÃO DE MISTURAS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL Brazilian Journal of Development, v. 7, p. 5871-5884, 2021.

SILVA, A. C.; CID, T. P.; PENCO, V. S. N.; ESTEVAO, A. P. S. S. Cinética química na ponta dos dedos: um recurso de tecnologia assistiva para alunos com deficiência visual. In: Paula Almeida de Castro. (Org.). Ebook: Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. 1ed.Campina Grande: Editora Realize, 2021, v. 1, p. 546-565.

SILVA, J. Guia prático para adaptação em relevo. Secretaria de Estado da Educação. Fundação Catarinense de Educação Especial. SANTA CATARINA, 2011.

SILVA, A. C. Produção de material didático especializado na área de Química: um recurso de tecnologia assistiva distribuído pelo Instituto Benjamin Constant. In: Fábio Garcia Bernardo; Naiara Miranda Rust. (Org.). Conectando Conhecimentos. 1ed. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2020, p. 66-84.

FONSECA, G. L. M.; LIMA, N. R. W. Manual de Produção do Livro Falado. Coleção Caminhos e Saberes, Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2021.

MARQUES, P. A. Baixa visão: da prevenção à Inclusão. Edição do Autor. Rio de Janeiro. 2019.

8.2.5 Teorias da Aprendizagem

Docentes: Prof.^a Dr.^a Angélica Bêta

Prof.^a Ms. Mariana Domingues

Carga Horária: 30 horas

Ementa:

As diferentes concepções psicológicas que influenciaram as teorias da aprendizagem e desenvolvimento humano surgidas no século XX: as abordagens inatista, ambientalista e interacionistas; a teoria psicogenética e a psicologia histórico-cultural. O processo de alfabetização da criança com deficiência visual a partir dessas concepções.

Conteúdo Programático:

- As classificações: inatista, ambientalista e interacionista. A abordagem científica do ensino.
- Montessori, Wallon e suas implicações pedagógicas;
- Jean Piaget e o construtivismo na educação;
- Lev Vygotsky e o socioconstrutivismo na educação;
- Gardner e as teorias contemporâneas da educação;
- Os principais embates entre as teorias e a educação de crianças com deficiência visual;
- Crise, críticas e tentativas de síntese das teorias.

Objetivos:

Conhecer as principais teorias psicológicas que embasaram e/ou embasam o processo de ensino e aprendizagem, de forma a possibilitar ao aluno uma reflexão sobre essas concepções e o processo de alfabetização da criança com deficiência visual.

Referências Bibliográficas:

ALBINO, Letícia M. de S.; BARROS, Sarah G. A teoria das Inteligências múltiplas de Gardner e sua contribuição para a educação. *Revista Acadêmica Educação e Cultura em Debate*, [s. l.], v. 7, n. 1, p.148-168, 2021. Disponível em: <https://revistas.unifan.edu.br/index.php/RevistaISE/article/view/683>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Bondía, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. 2002, p. 20-28. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspC-NspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 28 jan. 2023.

CAMPOS, M. I. B.; XAVIER, G. N. de P. Desenvolvimento e influência do método montessoriano no ensino. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 10, n. 00, p. e021017, 2021. DOI: 10.29373/sas.v10i00.15803. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/15803>. Acesso em: 10 maio. 2023.

LEFRANÇOIS, Guy R. *Teorias da Aprendizagem*. São Paulo : Cengage Learning, 2008. p. 504.

NUERNBERG, Adriano H. Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual. *Psicologia em Estudo*, v. 13, n. 2, p. 307316, 2008.

RANGEL, F. A.; VICTOR, S. L. A brincadeira de faz de conta e sua influência no processo de alfabetização de crianças cegas. *Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 59, v. 1, p. 6-24, jan.-jun. 2016. Disponível em: http://www.ibr.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2016/edicao-59-volume-1-janeiro-junho/BC_59_1.pdf

VIGOTSKI, L. Semionovitch. *Problemas da Defectologia*. [trad.] Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo : Expressão Popular, 2021. p. 239. Vol. 1.

Referências Complementares:

SILVA, J. R. da; CARDOSO, A. C. da S.; ANJOS, A. C. B. dos; BARBOSA, V.; SIMÕES, V. A. P.; PERPÉTUO, C. L. Desenvolvimento humano nas perspectivas de Piaget e Vygotsky. *EDUCERE - Revista da Educação*, Umuarama, v. 15, n. 1, p. 73-90, jan./jun. 2015.

VYGOTSKI, L.S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo, Ática, 2009. (Capítulos 1 ao 5 - pg. 7-59).

ASBAHR, F. S. F. (2011). *Por que aprender isso, professora?* Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia histórico-cultural. 219 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia - Universidade de São Paulo.

8.2.6 Aspectos do Ensino de Leitura e Escrita para Estudantes com Deficiência Visual

Docentes: Prof^ª. Dr^ª. Karine Vieira

Prof^ª. Dr^ª. Márcia Gomes

Carga Horária: 30 horas

Ementa:

Aspectos neurolinguísticos e psicolinguísticos para aquisição de leitura e escrita. Formação escolar do leitor. Especificidades da leitura e escrita por estudantes com deficiência visual.

Conteúdo Programático:

- Aquisição e aprendizado de leitura visual e leitura tátil.
- Distúrbios no desenvolvimento da linguagem.
- Texto, linguagem verbal, não verbal e sincrética.
- Gêneros textuais multimodais.
- Formação de conceitos.
- Especificidades de leitura por estudantes com deficiência visual.
- Especificidades de escrita por estudantes com deficiência visual.

Objetivos:

- Apresentar aos estudantes os principais temas com relação à aquisição de leitura e escrita e aos distúrbios do desenvolvimento da linguagem, com ênfase na deficiência visual.
- Propiciar conhecimento acerca do trabalho, em sala de aula, com textos multimodais acessíveis e as especificidades do ensino de leitura e escrita para estudantes com deficiência visual.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maria da Gloria de Souza A Importância da Literatura como Elemento de Construção do Imaginário da Criança com Deficiência Visual. / Maria da Gloria de Souza Almeida. / Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base. Brasília, DF, 2018.

CORRÊA, L. S. Aquisição da linguagem e problemas do desenvolvimento linguístico. São Paulo: Loyola, 2006.

DAHAENE, Stanislas. Entrevista concedida a Revista Neuroeducação. 11 de abril de 2016. Ed. 6.

DUTTON, Camila Sousa. As especificidades do ensino e da aprendizagem da leitura por meio do Sistema Braille na alfabetização de alunos cegos. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, v. 27, n. 62, e276202, 2021.

GERALDI, João Wanderley. Portos de Passagem. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOMES, M., BRASIL, P., BISPO, B. M. (org). Gêneros Textuais e Inclusão: uma proposta para alunos com deficiência visual. 1 ed. RJ: Mauad X FAPERJ, 2022.

KENEDY, Eduardo. Curso Básico de Linguística Gerativa. São Paulo: Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2022.

NICOLAIEWSKY, Clarissa de Arruda. Pistas para o ensino da língua escrita em Braille: análise de erros presentes na produção textual. Benjamin Constant, Rio de Janeiro, ano 22, n. 59, v. 1, p. 80-97, jan.-jun.

8.2.7 Recursos Acessíveis II (Materiais Grafo Táteis; Tecnologias Digitais Acessíveis; e Livro tátil)

8.2.7.1 Materiais Grafo Táteis

Docente: Prof. Dr. Robson Lopes

Ementa:

O que são materiais grafo táteis? Tipos de materiais grafo táteis; a importância dos materiais grafo táteis para alunos com deficiência visual; o “estado da arte” na elaboração de materiais grafo táteis no Brasil e no mundo; a elaboração e a produção de materiais grafo táteis para alunos com deficiência visual.

Conteúdo Programático:

- Introdução aos materiais grafo táteis;
- Os materiais grafo táteis e suas classificações;
- Gráficos, tabelas, mapas e outros tipos de grafo táteis;
- O “estado da arte” na produção de materiais grafo táteis no Brasil e no mundo;
- A importância dos materiais grafo táteis no processo de ensino e aprendizagem das pessoas

com deficiência visual;

- Exemplos práticos de materiais grafo táteis e suas aplicações no ensino de pessoas com deficiência visual.

Objetivos:

- Demonstrar a importância da utilização de materiais grafo táteis para alunos com deficiência visual;
- Identificar como os materiais grafo táteis podem contribuir para o ensino e a aprendizagem das pessoas com DV;
- Potencializar a elaboração de materiais grafo táteis e sua disseminação no ensino de pessoas com deficiência visual.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, R. D. Do Desenho ao Mapa: iniciação cartográfica na escola. Ed. Contexto. São Paulo, 2001.

SENA, C. C. R. G. e CARMO, W. R. Uso de Maquetes no Ensino de Conceitos de Geografia Física para Deficientes Visuais. Anais do XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, São Paulo, 2005.

VENTORINI, S. E.; A Experiência como fator determinante na representação espacial do deficiente visual. 142p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2007.

8.2.7.2 Tecnologias Digitais Acessíveis

Docente: Prof^a Ms. Mariana Lopes

Carga Horária: 20 horas

Ementa:

A tecnologia no cotidiano. O uso que fazemos da tecnologia e como ela se apresenta. A tecnologia na Deficiência visual. Como a pessoa com deficiência visual utiliza da tecnologia, os aplicativos e softwares da deficiência visual. As normas para acessibilidade na internet.

Conteúdo Programático:

- Tecnologia assistiva – história, definição e conceito;

- Tecnologia Assistiva e interdisciplinaridade, conceito princípios, parâmetros de Tecnologia Social, e suas implicações na Tecnologia Assistiva;
- Tecnologia na e para a Deficiência visual: Como a Pessoa com deficiência visual utiliza da tecnologia; e
- Aplicativos e softwares da deficiência visual.

Objetivos:

- Colaborar na conexão das tecnologias digitais às práticas pedagógicas voltadas à pessoa com deficiência visual; e
- Analisar e utilizar os recursos digitais com acessibilidade.

Referências Bibliográficas:

Bibliografia Básica:

BORGES, José Antonio dos Santos. O que é o DOSVOX. Núcleo de Computação Eletrônica - Projeto DOSVOX. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://inter-vox.nce.ufrj.br/dosvox/intro.htm>. Acesso em: 31 mai. 2023

IFET RS, Manual Leitor de Tela NVDA : Guia do Usuário Original no Menu Ajuda do NVDA Traduzido e Adaptado por: NAPNE/SIEP – IFET RS Campus Bento Gonçalves, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/32685522-Manual-nvda-utilizando-laptop.html>. Acesso em: 31 mai.2023

HUMMEL, E. I. Tecnologia assistiva: a inclusão na prática. Curitiba: Appris, 2015.

MACHADO, G. B.; KUHN, I.; SANTOS, F. D. Jr.; WIVES,L. K. Um Estudo Sobre o Perfil de Professores do Ensino Fundamental e o Uso de Tecnologias para a Educação: uma Proposição de Agenda de Pesquisa a partir de Dados Educacionais. Revista Novas Tecnologias na Educação (RE-NOTE), V.16, n.2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/89273/51513>. Acesso em: 03 mai. 2019.

SILVA, Mariana Lopes da. A Escrita e a Tecnologia na Deficiência Visual : possibilidades e desafios. 1. ed. Rio de Janeiro: Mariana Lopes da Silva, 2019. 30 p. v. 1. ISBN 978-65-901024-0-9. E-book.

SOUSA, R. P.; MIOTA, F. M. C.; CARVALHO, A. B. G. (orgs.). Tecnologias digitais na educação [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf>. Acesso 15 out 2018.

Bibliografia Complementar:

ACCESSIBILITY, G. What solutions are available in GNOME for people with disabilities. 2011. Disponível em: <http://projects.gnome.org/accessibility/solutions.html>. Acesso em: 05 ago.2019

ANDERSEN E. L. (org.), Multimídia digital na escola. Editora Paulinas, 2013

B R A S I L . Linha do tempo: do eletrônico ao digital. Ministério da Educação. 2019. Disponível em: <https://www.governodigital.gov.br/documentos-e-arquivos/eMAG-Descricao-dos-Leitores-de-Tela.pdf> Acesso em: 31 mai. 2023

JATOBÁ, Alessandro; MARTINS, Bianca Rego; SILVA, Mariana Lopes da; SILVA, Vanessa França da. Relações entre acessibilidade e colaboração em três ambientes virtuais. RECITE - Revista Carioca de Ciências e Tecnologias, Rio de Janeiro, ano 2018, v. 3, n. 2, p. 1-10, 3 dez. 2018. Disponível em: <https://recite.unicarioca.edu.br/rccte/index.php/rccte>. Acesso em: 23 set. 2019.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2013.

RIBEIRO, A.C.R.; BEHAR, P. A. O computador como uma ferramenta para auxiliar na aprendizagem: a visão de alunos e professores. Revista Novas Tecnologias na Educação (RENOTE), V.10, n.1, 2012 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/ar.cle/download/30877/19230>. Acesso em 12 abr.2019.

SANTAROSA, Lucila Maria Cos.; SONZA, Andréa Poletto. Ambientes Digitais Virtuais: Acessibilidade de Deficientes Visuais. Revista Novas Tecnologias na Educação (RENOTE), V.1, n.1, 2003. Disponível em: http://penta2.ufrgs.br/edu/ciclopalestras/ar.gos/andrea_ambientes.pdf. Acesso em: 12 abr. 2019.

8.2.7.3 Livro Tátil

Docente: Prof^a Dr^a. Luciana Arruda

Prof^a Ms. Patrícia Ignácio da Rosa

Carga Horária: 20 horas

Ementa:

A criança com deficiência visual e a literatura; livro tátil: contexto histórico; produção de livro tátil.

Conteúdo Programático:

- A literatura infantil na alfabetização de crianças com deficiência visual.
- Livro tátil e o contexto histórico.
- A cegueira e a literatura infantil.
- A baixa visão e a literatura infantil.

- Construção do livro tátil.

Objetivos:

- . Sensibilizar os discentes para a importância do livro tátil como recurso pedagógico na escolarização da criança com deficiência visual;
- . Analisar a importância do livro tátil na produção do conhecimento de alunos com deficiência visual;
- . Propiciar aos participantes informações e técnicas para a produção de livros táteis.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Maria da Glória de Souza. A importância da literatura como elemento de construção do imaginário da criança com deficiência visual. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014.

ARAUJO, Erick Vasconcelos. Parâmetros para análise de livros infantis em braille e com ilustrações em relevo. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Design, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. 169 f. Design, 2017.

ARRUDA, Luciana Maria Santos de. “Eu quero que o vento leve a gente lá... pra outro país”: (E) ventos e encontros com crianças no Instituto Benjamin Constant. Tese de Doutorado em Educação, UFF, 2020.

AZEVEDO, Ricardo. O livro dos sentidos. 1a ed. SP: 2000. BARROS, Armando Martins de. O Olhar no Tato e no Odor: notas preliminares sobre livros táteis e caixas de cheiro. In: BARROS, Armando (org.) Práticas Educativas ao Olhar; da vidência e da cegueira na formação do Pedagogo. Rio de Janeiro, Editora Papers, 2003.

_____. Projeto de Grupo de Estudo. Produção de Livros Táteis com Argila, Folhas Recicladas, Fotografia e Sucata. Niterói, UFF, Departamento de Fundamentos Pedagógicos, setembro, 2004. Texto digitado.

Bonanomi, P. (2004). Costruire il piacere di leggere. Il primato delle illustrazioni tattili nei primi libri. In: Immagini da toccare. Proposte metodologiche per la realizzazione e la fruizione di illustrazioni tattili, a cura di A. Quattraro. Monza: Biblioteca Italiana per i Ciechi.

Blok, A., Lanners, J. (2009). I primi libri tattili. In: GUIDA TYPHLO & TACTUS, Les Doigts Qui Rêvent.

CARDEAL, Márcia. Ver com as mãos: A ilustração tátil para crianças cegas. Dissertação de Mestrado - Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Pós-graduação em Artes Disponível em: < http://ppgav.ceart.udesc.br/turma3_2007/dissertacoes/marcia_cardeal.pdf > Acesso em: 20 maio de 2023.

CERQUEIRA, J. B.; FERREIRA, M. A. Os recursos didáticos na educação especial. Rio de Janeiro: Revista Benjamin Constant, nº 5, dezembro de 1996, p 24-29.

CLAUDET, Philippe. org. Guide Typhlo & Tactus de l'album tactile allustré. Collection Corpus Tactilis, Talant : Editions Les doigts qui rêvent. 2009.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. O Livro de artista como um lugar tátil – 2009. Dissertação de Mestrado – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Artes Visuais. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/turma3_2007/dissertacoes/marciasouzadisserta.pdf> Acesso em: 20 maio de 2023.

VALENTE, Danyelle. Imagens que comunicam aos dedos: a fabricação de desenhos táteis para pessoas cegas. Encontro Nacional da ANPAP (17.2008: Florianópolis, SC) Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP/ Organizadoras: Sandra Regina Ramalho Oliveira, Sandra Makowiecky. Florianópolis UDESC, 2008.

LINDEN, Sophie Van Der. Para ler o livro ilustrado. São Paulo: SESI, 2018.

NUENRBERG, Adriano Henrique. Ilustrações táteis bidimensionais em livros infantis: considerações acerca de sua construção no contexto da educação de crianças com deficiência visual. Revista de Educação Espacial, v. 23, n. 36, p. 131-144. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacao-especial>.

ROMANI, Elizabeth. Design do livro tátil ilustrado: processo de criação centrado no leitor com deficiência visual e nas técnicas de produção gráfica da imagem e do texto. São Paulo. 246p.:il. Tese (Doutorado- Área de concentração :design e arquitetura) FAUUSP.2016.

SOUZA, Cristina Silva Ribeiro de. Livro tátil tridimensional de itinerância domiciliar para ensino de crianças cegas: um caminho lúdico na promoção da saúde. 2019. 74f Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) - Universidade Federal Fluminense, 2019.

TEDERIXE, Lisânia Cardoso. Livro tátil: possibilidades de ensino e aprendizagem para crianças cegas. 2019. 98f Dissertação (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão)- Universidade Federal Fluminense, 2019.

8.2.8 Seminário de Pesquisa

Docente: Professor(a) orientador(a)

Carga horária: 30 horas

A Ementa, conteúdo programático, objetivos e referências bibliográficas serão definidos e apresentados pelo Professor(a) orientador(a) de cada discente.

8.2.9 Trabalho de Conclusão de Curso

Docente: Professor(a) orientador(a)

Carga horária: 60 horas

Desenvolvimento e apresentação do TCC